

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

MARINALVA ALVES SAMPAIO
VITÓRIA CRISTINE DE SOUZA CARVALHO DE OLIVEIRA

HERDEIROS DA VIOLÊNCIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

GOIÂNIA

2020

MARINALVA ALVES SAMPAIO
VITÓRIA CRISTINE DE SOUZA CARVALHO DE OLIVEIRA

HERDEIROS DA VIOLÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel, em Jornalismo, da Escola de Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientadora: Prof.^a Ma. Bernadete Coelho de Sousa.

GOIÂNIA

2020

TERMO DE APROVAÇÃO

HERDEIROS DA VIOLÊNCIA

por

MARINALVA ALVES SAMPAIO

VITÓRIA CRISTINE DE SOUZA CARVALHO DE OLIVEIRA

Este(a) Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado(a) em 04 de dezembro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo. O(a) candidato(a) foi arguido(a) pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof.^a Ma. Bernadete Coelho de Sousa
Prof.(a) Orientador(a)

Prof.^a Ma. Adriana Teixeira de Moraes
(Professora da UFG)

Prof.^a Ma. Zafino Isidoro
(Professora da PUC)

Para todas as crianças que precisaram crescer antes da hora. Em especial para nossas mães, Neide e Karla que precisaram tomar decisões difíceis para nos manter seguras. Entre o amor de mulher e a maternidade, escolheram sem pestanejar a maternidade.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho possui uma importância muito grande em nossas vidas, não só pelo fato de concluir uma jornada que temos percorrido há 4 anos, mas pela retratação que fizemos das nossas próprias experiências vividas. Tudo o que passamos tanto de bom quanto de ruim na infância, nos moldaram e nos tornaram as mulheres que somos hoje.

Sem o apoio das nossas famílias seria impossível dar vida a qualquer projeto ou sonho. Eles são a razão e o motivo de sermos mulheres melhores.

Aos amigos o agradecimento é diferente. Obrigada por enterderem as nossas ausências, os nossos sumiços das resenhas e até mesmo os “vácuos” na redes sociais. A criação desse projeto exigiu de nós toda energia e empenho e por isso foi necessário abrir mão de certas interações sociais. Porém sempre soubemos que podíamos contar com vocês. Mesmo afastadas, você se mantiveram presentes e até mesmo incentivando o sucesso desse trabalho.

Mães, agradecer a vocês nesse espaço desse material é muito pouco. Teríamos que fazer outro TCC só para tentar expressar toda a nossa gratidão a vocês. O documentário é referência a nossa infância, mas também é o reconhecimento da luta de vocês em nos manter seguras mesmo em situações sensíveis para vocês

A professora e mestre Bernadete Coelho, uma mulher incrível que em cada processo desse projeto esteve presente. Se emocionou com a gente a cada relato, se desesperou com a gente em cada imprevisto, mas também foi a voz na tempestade que trouxe calma e soluções. Obrigada professora por cada palavra reconfortante, obrigada pela paciência e obrigada por exigir mais da gente. A sua orientação foi a engrenagem principal para que tudo isso funcionasse.

E a Deus, porque sem Ele nem aqui estaríamos. Agradecer pelos momentos de dificuldades na produção desse material que pensamos em desistir, foi a Sua mão forte que nos guiou. Obrigada por ser um Pai tão presente e atencioso, pois sabemos que até aqui o Senhor têm nos sustentado.

A violência marital, para além das
sequelas que pode provocar tem também
um impacto negativo pais-filhos.
(SOUZA, Tânia, 1997)

RESUMO

O documentário *Herdeiros da Violência* é uma produção audiovisual que propõe contar a história de pessoas que presenciaram ou sofreram violência doméstica dentro de suas casas ainda na infância. Mostrando os impactos e consequências que a vivência em um lar violento pode acarretar por toda uma vida. Infelizmente essa violência marital é algo que se encontra com muita frequência na sociedade, a Atlas da Violência divulgado em 2019 mostrou que mais de 200 mil mulheres sofrem violência doméstica, mas e quando existem crianças nesse contexto familiar? Quais são os danos que esses filhos desenvolverão tanto na infância quanto na fase adulta? O documentário *Herdeiros da Violência* foi desenvolvido justamente para ressaltar os prejuízos que a violência doméstica causa especialmente nos filhos.

Palavras-chave: Família de risco. Lares Violentos. Relacionamentos. Traumas. Precocidade.

ABSTRACT

The documentary *Herdeiros da Violência* is an audiovisual production that proposes to tell the story of people who witnessed or suffered domestic violence inside their homes during their childhood. Showing the impacts and consequences that living in a violent home can have for a lifetime. Unfortunately this marital violence is something that is found very often in society, the Atlas of Violence released in 2019 showed that more than 200 thousand women suffer domestic violence, but what about children in this family context? What damage will these children develop both in childhood and in adulthood? The documentary *Herdeiros da Violência* was developed precisely to highlight the damage that domestic violence causes especially to children.

Keywords: At-risk families. Violent homes. Relationships. Trauma. Precocity.

SUMÁRIO

Sumário

1. INTRODUÇÃO	13
2. CAPÍTULO I	15
2.1 VIOLÊNCIA	15
2.2 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	16
2.3 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO BRASIL E O IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL	19
3. CAPÍTULO II	21
3.1 DOCUMENTÁRIO	21
3.2 HISTÓRIA DO DOCUMENTÁRIO	23
3.3 DOCUMENTÁRIO NO BRASIL	25
3.4 TIPOS DE DOCUMENTÁRIO	28
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
4.1 METODOLOGIA	31
4.2 DESCRIÇÃO DO PRODUTO	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
6. REFERÊNCIAS	36
7. APÊNDICE	38
7.1 DIÁRIO DE GRAVAÇÃO	38
7.2 MEMORIAL INDIVIDUAL	39
7.2.1 VITÓRIA CRISTINE.....	39
7.2.2 MARINALVA SAMPAIO	40
7.3 ROTEIRO	41
7.4 TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM	58
7.5 TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE PRODUÇÃO ACADÊMICA.....	63

1 INTRODUÇÃO

A lei Maria da Penha que prevê penas mais severas para agressores de mulheres, completou 14 anos. Porém, os registros de casos de agressão à mulher não param de crescer. De acordo com o Atlas da Violência do Ministério da Justiça, divulgado em 2019, apenas em 2017, mais de 221 mil mulheres registraram denúncias de episódios de lesões corporais dolosas sofridas dentro de casa.

Um reflexo da violência doméstica e a falta de políticas públicas para o combate do mesmo, foi o crescente do número de casos no período da quarentena. Uma das medidas que foram utilizadas em todo o mundo em combate ao COVID-19, foi o distanciamento social, e com o aumento do tempo de convivência familiar, a violência doméstica foi crescente em todo o mundo. Diversos estudos de ONU e de ONGs que defendem os direitos das mulheres afirmam que durante o isolamento social, o agressor exerce maior poder e controle sobre as atitudes da mulher, que por sua vez, se sente coagida (Informe Técnico nº01/2020).

Segundo o Capítulo VII no artigo 227 do Estatuto da Criança e do Adolescente que defende que toda criança e adolescente necessita de proteção e assistência para crescer socialmente, e um dos grupos sociais responsáveis por essa função, é a família.

Estimular o debate da violência doméstica dentro dos lares é significativo para a criação de projetos públicos para a defesa tanto da mulher quanto dos filhos, que na maioria das vezes são telespectadores das agressões. A insuficiência de material que estuda os danos causados para as crianças, é uma das justificativa para a realização deste trabalho. Dando visibilidade nos danos psicológicos de longo e curto prazo nos filhos que foram testemunhas das agressões dentro de suas residências.

Observando esses números é possível detectar que o lugar que deveria ser o porto de seguro pode se transformar em um pesadelo e o relato de adultos que presenciaram esse tipo de violência na infância é uma das justificativas para a criação desse material. Existem diversos estudos e pesquisas abordando o tema da violência doméstica, entretanto são poucos que exploram o impacto e as consequências que causam ao longo da vida dessas crianças.

2 CAPÍTULO I

2.1 Violência

Para citarmos a definição de violência, não podemos deixar de mencionar o sociólogo noruegues, reconhecido mundialmente por sua produção acadêmica sobre violência e paz, Johan Galtung. Para o sociólogo, o conceito de paz e violência são antagônicos. A ausência de uma constitui a outra. Essa definição é uma das primeiras utilizada pelo autor, depois em outros estudos, Galtung (1996) modifica esse conceito.

Contudo, a Organização Mundial de Saúde afirma que existem diversos tipos de violências. A grande variedade de códigos morais predominantes nos diferentes países faz da violência uma das questões mais difíceis de resolver em um fórum global. Portanto, pode ser definida em muitas maneiras, de acordo com quem faz e com que finalidade (OMS, 2002).

A obra sobre a violência nos estádios de Palhares e Schwartz trabalha a partir do quadro teórico de Johan Galtung, onde o sociólogo estabelece três tipos de violência, tais como: violência direta, estrutural e cultural. A partir do quadro teórico de Galtung, os autores Palhares e Schwartz (2015) afirmam que a violência direta é um acontecimento fácil de identificar a agressão. Um assalto ou uma agressão física é uma maneira de ilustrar essa tipologia de violência. A relação normalmente abrange ao menos dois participantes: o emissor da agressão e a vítima.

Quando existe uma desigualdade na distribuição dos recursos de uma sociedade, para Galtung é considerado uma violência estrutural. A relação dos recursos é defendida pelo autor como a diferença entre pobreza e miséria. Um indivíduo possui poucos recursos, quanto o outro têm tão pouco que o prejudica como um cidadão. As pessoas que vivem na miséria possuem recursos tão escassos que sua condição de vida é capaz de adoecê-los (PALHARES; SCHWARTZ, 2015).

Porém, o maior problema dessa violência não é apenas a miséria, mas as pessoas que possuem mais recursos e no poder que as mesmas têm em destinar os recursos do mundo para se favorecerem.

A violência pode esconder, mascarar e condicionar as pessoas a não ver determinadas situações sociais, como a repressão ou a exploração (PALHARES; SCHWARTZ, 2015). A cultura justifica essas violências e faz com que sejam vistas

como não erradas. Estuda-las é uma maneira de desmoraliza-las. Dessa forma, podemos visibilizar que a violência doméstica se integra na violência cultural.

A violência é um fenômeno complexo que possui dificuldade de estabelecer um significado, pois a cultura justifica certos atos. Essa afirmativa varia de valores e normas sociais que estabelecem cada cultura e sociedade. Portanto a humanidade vive em constante evolução e o movimento feminista foi responsável por denunciar casos de violências contra mulheres dentro de seus lares, que até então, eram fatos não comentados abertamente na época. Essa violência doméstica era praticada na maioria das vezes pelos maridos (CASIQUE; FUGERATO, 2006).

2.2 Violência doméstica

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a violência ocorrida por conflitos familiares se enquadra no conceito de violência intrafamiliar ou doméstica. Na definição de gênero, o grupo que possui um percentual maior de vítimas, é o feminino. A cada ano, cerca de 1,3 milhões de mulheres são agredidas no Brasil (PNAD, 2019). O conceito de “mulher maltratada” traduz a forma com a violência contra a mulher começou a ser conceptualizada a partir dos anos 70, sob a égide dos movimentos feministas europeus e norte-americanos (ALBANO; SILVA, 2016).

Os movimentos feministas trouxeram à tona as situações de violência acontecidas dentro dos lares. Tornaram algo que até então era considerado de interesse apenas privado, a público. A cooperação do Estado em criar leis e políticas públicas para interferir nos conflitos familiares e conjugais foi de extrema importância em visibilizar e combater tais atos.

Um estudo feito pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Araouca em 2013, a violência cometida à mulher é uma das mais frequentes dentro da vertente da violência cultural. CASIQUE E FUREGATO (2006), afirma que na violência doméstica existe uma relação de afeto entre o agressor e a vítima:

“Violência doméstica é aquela exercida pelos homens contra as mulheres, em que o gênero do agressor e o da vítima estão intimamente unidos à explicação desta violência. Dessa forma, afeta as mulheres pelo simples fato de serem deste sexo, ou seja, á violência perpetrada pelos homens mantendo o controle e o domínio sobre as mulheres.

Na maioria das culturas, os homens normalmente adotam posturas violentas para reafirmar sua posição de superioridade em relação às mulheres (CAMINOTI,

2015) e como citada anteriormente, os grupos feministas foram responsáveis por identificar, denunciar e trazer a tona esse assunto que era muito comum na época, porém não era abordado. Esses grupos ganharam forças quando outras associações agregaram à causa.

Uma das formas mais comum que se manifesta a violência entre os casais, é o ciclo da violência. Esse ciclo possui três fases que descrevem o comportamento do agressor. A primeira fase é o aumento da tensão, onde o agressor tem atitudes agressivas destruindo móveis, ofendendo a vítima. Geralmente a vítima nessa fase se sente culpada, tentando justificar o comportamento do companheiro. A segunda fase já é o próprio ato da violência, onde o agressor explode em fúria e parte para cima da companheira. A terceira fase é quando o agressor se arrempe e começa a tatar a vítima com carinho tenta compensar o que foi feito antes (IMP, 2020).

A violência doméstica tem diversas formas de expressão, porém a agressão psicológica será a abordada nesse trabalho, pois atinge a vítima antes mesmo da agressão física. A violência psicológica possui sua forma abstrata, pois pode ser sutil às pessoas que estão fora do relacionamento, deixando assim a vítima sob controle do agressor sem intervenção de nenhuma pessoa (DAY et al., 2003)

A vítima por estar envolvida em um relacionamento abusivo acredita que pode mudar o comportamento do parceiro ao longo do tempo e que o ato da agressão foi apenas um episódio isolado. Contudo, depois de um tempo a vítima percebe que não possui o controle da situação e que em alguns casos demonstrar resistência e retribuir com mais violência, só deixa o agressor mais severo (ALBANO; SILVA, 2016).

Violência psicológica é uma violência silenciosa, que tem uma progressão muito grande e um repercussão muito afetiva na vida da vítima. De início, o agressor não parte para a agressão física, mas priva a companheira da liberdade, companhias e logo partindo para intimidação e vexação (CAPONNI; COELHO; SILVA, 2007).

Existem diversas manifestações da violência psicológica ou emocional, como intimidação, abuso verbal, ameaças, isolamento, desprezo e abuso econômico. É importante ressaltar que as mulheres que sofrem esses tipos de violência possuem um grande receio de denunciar seus companheiros, pois acreditam que não receberiam tal confiança perante a justiça e os familiares (CASIQUE; FUREGATO,

2006). Em alguns casos os agressores ameaçam as companheiras afirmando que caso a mesma denuncie, ele irá atrás dela e dos familiares.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Avon em 2011 com 1800 participantes entre homens e mulheres, 62% dos entrevistados reconhecem que agressões verbais, xingamentos, humilhação, ameaças e outras formas de violência psicológica como violência doméstica.

Quando uma família convive diariamente em um lar onde existe uma pessoa que utiliza de violência doméstica para coagir o companheiro, todos os outros integrantes da família são atingidos, até mesmo os filhos do relacionamento. A ausência de paz dentro do ambiente familiar pode criar para a criança uma percepção de mundo confuso, assustador e pouco seguro. Destacam-se algumas das consequências a curto prazo, como sentirem-se assustadas, ficar isoladas, baixo autoestima, aumento da ansiedade, medo, dificuldade em dormir, sofrer de enurese, problemas alimentares, roubar e mentir, dificuldade de concentração, baixo rendimento escolar, comportamento agressivo ou destrutivo, entre outros (SOUSA, 2013).

Presenciar agressões entre os pais pode ser caracterizado como forma de abuso psicológico. De acordo com SOUSA (2013) esse testemunho da agressão é caracterizado como maus tratos psicológicos e assumi três formas evidentes como:

Aterrorizar, colocando em causa a sua frágil estrutura emocional (quando o agressor é verbalmente agressivo, promovendo um clima de medo, de tirania, assustando a criança); viver num ambiente de perigo eminente; exposição a modelos de interação negativos.

Dessa forma é possível compreender que o ato da criança assistir ou participar indiretamente dos episódios de agressões dentro de casa, podem acarretar diversos problemas psicológicos na forma como eles verão o mundo.

De acordo com a autora Benetti (2006) em sua pesquisa considera que dentro do sistema familiar é positivo para o desenvolvimento psicológico da criança observar conflitos entre os pais, dessa forma ela irá perceber que adultos podem discordar e encontrar, de alguma forma, maneira de resolver as dificuldades. Contudo a exposição excessiva, ou seja, a ocorrência de episódios constantes de conflitos conjugais pode ser um fator determinante de estresse. Além da legitimação

por parte da cultura em relação à violência doméstica ao longo da história, o descaso com a criança e o adolescente também possui uma justificativa ao longo dos séculos.

2.3 Violência doméstica no Brasil e o impacto no desenvolvimento infantil

Um dos principais marcos em relação ao enfrentamento à violência doméstica e familiar contra as mulheres no Brasil foi a criação da Lei Maria da Penha, em 2006. Além de instituir ferramentas para garantir a imputação da pena ao agressor, buscou de forma integral tratar o fenômeno da violência doméstica como um crime. Implementou também um conjunto de instrumentos para a assistência social à vítima da agressão e os filhos, como o acolhimento emergencial.

Essa lei é a principal ferramenta legislativa no âmbito da violência doméstica e familiar contra as mulheres no Brasil. A Organização das Nações Unidas (ONU) considera que é uma das três mais avançadas leis de proteção à mulher em todo o mundo.

A lei recebeu o nome em homenagem à farmacêutica Maria da Penha Fernandes, que em 1982, sofreu duas tentativas de assassinato por parte de seu companheiro que a deixou parálitica. Ela enfrentou luta judicial de quase 20 anos para punir o agressor e em 1998, por causa da lentidão no julgamento do ex-marido, Maria da Penha denunciou seu caso à Corte Interamericana de Direitos Humanos, alegando tolerância do Estado brasileiro com a violência doméstica. Por causa da sua iniciativa, o Brasil foi condenado pela Corte, que recomendou ao país a criação de uma lei para prevenir e punir a violência doméstica (IMP, 2020)

Em uma pesquisa quantitativa realizada pelo Instituto Avon em 2011 com 1800 entrevistados, apontam que 50% das mulheres afirmam que uma das razões causadoras das agressões está relacionada ao quesito cultural, onde os homens se sentem donos das mulheres e 33% dos homens afirmaram que um dos causadores são problemas com bebidas alcoólicas. Das mulheres que declararam terem sofrido agressões por parte de seus parceiros, 48% afirmaram que o motivo declarado foi ciúmes e a justificativa dos homens agressores também foi o mesmo (38%), logo seguido por problemas com bebidas (33%).

No quesito a conquistas de leis para a defesa de crianças e adolescentes foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Atualmente a lei possui 30 anos de atuação e é um dispositivo para o desenvolvimento e garantias de direitos

aos cidadãos menores de 18 anos. Dessa forma, esse grupo se torna prioridade dividida entre Estado, sociedade e família. Visando assim, a preservação de uma infância e adolescência saudável e segura.

As crianças que residem em um lugar violento, tendem a desenvolver sentimentos de angústia e medo, já que as pessoas responsáveis por negociar suas emoções também são psicologicamente instáveis. A etapa da infância e a da adolescência são extremamente essenciais para a constituição do caráter humano, e a família é o laço mais importante para a definição desse cidadão. Contudo, infelizmente a vivência nesses lares violentos criam futuros adultos traumatizados e possíveis agressores (SOUSA, 2013).

Uma criança exposta frequentemente aos conflitos dos pais e até a episódios de violência, podem se manifestar nos filhos em comportamentos agressivos, baixo aproveitamento escolar e entre outros comportamentos normais. E essa experiência pode ser entendida pela criança que a forma de resolver os conflitos é na base da violência (BENETTI, 2006).

Assim como nas mulheres vítimas de violência psicológica, as crianças que também passam por isso, se sentem culpadas e acham que tem algo errado com eles (FIOCRUZ, 2013). De acordo com SOUSA (2013), esse tipo de vivência pode desenvolver uma distorção nas relações sociais, pois passam a entender e aceitar que ser maltratadas é uma forma de amor e afeição.

Existem crianças que nem sempre sabem que este tipo de comportamento não é aceite e podem considerar que magoar, ou serem magoadas, por alguém que elas amam é normal e correto.

De acordo com um estudo realizado pela Fundação Oswaldo Cruz (2013), existem fatores de risco que podem favorecer a ocorrência de violência contra crianças e adolescente, entre eles: criança provinda de uma gravidez indesejada, ausência ou pouca demonstração de afetos entre pais e filhos, histórico de violência no grupo familiar, falta de apoio social à família e outros. Outrossim, existem os fatores que protegem, minimizam ou impedem as consequências da violência como: consciência e apredizado dos seus direitos, autoestima, rede de apoio social, religiosidade, ter amizade, supervisão familiar, entre outros.

3. CAPÍTULO II

3.1 Documentário

O filme documentário surgiu juntamente com o nascimento do cinema, no final do século XX, quando as imagens fotográficas em movimento eram usadas para registrar os acontecimentos da época, incluindo viagens, expedições, acontecimentos históricos, cerimônias e etc. (RODRIGUES, 2010)

Desde o início, como o nome já diz, o documentário teve a função de documentar e deixar registrado momentos marcantes e importantes. No entanto, mesmo com sua principal característica definida, o conceito e a definição do que é documentário ainda divide a opinião de alguns estudiosos. A principal dúvida é referente à criação do conteúdo, se o produto deve ser apenas uma representação, ou se deve ter interferência na hora da produção.

Para compreender o conceito é importante diferenciar o cinema ficcional e documentário, essa questão é importante pois interfere na veracidade e na interferência do que será apresentado. De acordo com Nichols (2010), o documentário lida com a realidade de uma forma mais intensa, o que inclui as surpresas e decepções que fazem parte do mundo real, enquanto a ficção possui uma narrativa organizada, boa parte do que se vê no filme já está previamente estabelecido no roteiro.

Bill Nichols (2010, p. 47) afirma que os documentários falam de situações ou acontecimentos reais, mas é pautado sempre por critérios relativos

Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares.

Outra explicação vem por parte do cineasta escocês Penafria (1999, p.55) ele define o documentário como o tratamento criativo da realidade, não sendo um retrato fiel da realidade, mas mantendo relação com o verdadeiro, mesmo que precise reconstruir cenas e acontecimentos.

Para chamar de documentário um determinado filme, não basta que apenas mostrar o mundo pelo olhar da câmera. É absolutamente

necessário o confronto de outro olhar: o olhar do documentarista. É também necessário, que o resultado final, o documentário, seja o confronto entre esses dois olhares: o da câmera e o do documentarista.

Em concordância com esse pensamento, Ramos (2000, p. 169) afirma que o documentário não é um filme com acesso à realidade, mas fala do mundo através de vozes e estilos próprios, e que determina um tipo especial de relação de espectador fundamentada nas expectativas e emaranhados éticos que cercam o filme documental.

Entretanto, Nichols (2010, p.93), ressalta que esse conceito é impreciso. Reconhece que o documentário recebe tratamento criativo, pois não deixa de ser uma produção cinematográfica, mas que esse tratamento se junta a outras características, como o ponto de vista do documentarista, o caráter, o olhar e particularidades do autor.

O documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta, marcado por várias etapas de seleção, comandadas pelas escolhas do realizador que podem ser expostas integralmente - ou não - no produto final, após a montagem... Para cada documentário, há pelo menos três histórias que se entrelaçam: a do cineasta, a do filme e a do público.

É possível ver, após expor algumas das definições de documentário, que mesmo com os diferentes pensamentos e explicações, a essência do produto continua sendo o mesmo, o de documentar e levar algum tipo de informação, deixando os acontecimentos registrados e presando primeiramente o fato. Este breve apanhado de informações não visa decifrar o que é documentário, mas mostrar as variações e possibilidades desse formato.

O documentário viveu momentos diversos em sua trajetória, acompanhados de formatos narrativos e de técnicas diversas de linguagem, assim como objetivos diferentes que justificavam e/ou provocavam essas formas de fazer sendo Renó (2013, p.212) afirma que:

O formato foi direcionado por correntes teóricas e artísticas diferentes para esses formatos, inclusive de maneira paralela ao cinema de um modo geral, que foram de certa maneira justificados pelo desenvolvimento tecnológico naquele momento.

Lucena (2012) afirma que o documentário como produção audiovisual deve registrar fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real (ou mundo histórico) e como protagonista os próprios sujeitos da ação.

Ressalta ainda que, no processo de produção do documentário, o verídico não deve ser o foco no processo de criação das imagens, e sim, nas fontes e objeto de estudo. Essa investigação e conseqüentemente a representação na tela não é a reprodução da realidade, mas sim a interpretação pela ótica do documentarista desse dado no mundo real. O principal objetivo de um documentário é o compromisso com a verdade, informar baseando-se em fatos, sendo imparcial, portanto, se a opinião pessoal do documentarista for expressa deverá ter uma indicação clara nesse sentido. (BERNARDET, 1980)

Dessa forma, o cinema documentário, mesmo que seja uma documentação da realidade, dá liberdade para o autor se expressar, de forma criativa e fazendo reflexões sobre determinado assunto. Isso gera um caráter de grande relevância para o produto, tendo em vista que vai expressar opiniões e influenciar na percepção sobre o mundo dos espectadores que assistirem determinada obra.

3.2 História do documentário

O documentário, assim como foi dito, surgiu nos primórdios do cinema, quando os irmãos Lumière começaram a registrar por meio de imagens fotografadas, ações do cotidiano. Auguste e Luis Lumière foram os primeiros em realizar a exibição de imagens em movimento, por volta de 1885. Os irmãos inventaram o cinematógrafo, que consistia em uma máquina de filmar e um projetor, e em 1895 realizaram a primeira exibição com este aparelho. O primeiro filme projetado durava menos de um minuto e chamava-se A Saída dos Operários da Fábrica Lumière (LUCENA, 2012).

Porém a primeira produção considerada documental e que identificou a prática documentarista foi feita por Robert Flaherty, que filmou Nanook, o Esquimó, em 1922. Entretanto, Nichols (2010) ressalta que parte das filmagens de Nanook foram encenadas para a câmara, e não apenas documentadas de forma espontânea.

Durante o final do século XIX e início do XX é registrado o chamado Cinema Primitivo, onde o documentário ganhou novas características. Porém não era conhecido com essa nomenclatura, o termo documentário surge apenas em 1926,

quando o escocês John Grierson usou pela primeira vez o nome em um artigo sobre o filme *Moana* de Flaherty para o jornal americano *The New York Times*. Nichols (2010, p.119), ressalta que:

O cinema primitivo não só apoiou o uso científico de imagens como também levou ao que Tom Gunning, historiador do cinema, denominou “cinema de atrações” essa expressão se refere à ideia de atrações circense e a seu notório prazer em nos mostrar uma ampla gama de fenômenos incomuns.

Outro importante momento para a formação do documentário surgiu com o russo Vertov. De acordo com RODRIGUES (2010) e APUD ROUCH (2007) para Vertov, a câmera era colocada diretamente em contato com o real, não se deve construir as imagens ou cenas em frente a camera,

Eu sou o cinema-olho, eu sou o olho mecânico, eu sou a máquina que mostra o mundo como só ela pode ver. Doravante serei libertado da imobilidade humana. Eu estou em movimento perpétuo, aproximo-me das coisas, afastome, deslizo sobre elas, nelas penetro.

Após os anos 30, acontece uma revolução tecnológica durante os anos 50 e 60, onde ocorreu a introdução de câmeras de filmes. Esta nova tecnologia possibilitou a gravação de entrevistas de rua, como o filme feito por Jean Rouch intitulado “*Chronique d'un Été*”, 1960. Isso permitiu novas estratégias, novos estilos e novas formas (PENAFRIA,1999).

Numa mesma evolução tecnológica, Jean Rouch produziu obras como “*Le maitre fous*”, onde atua com uma câmera de mão e som direto, ou seja, registrou em vídeo de maneira simultânea ao registro do áudio. Penafria (1999) resume bem a chegada das tecnologias e do impacto na produção de documentário da evolução dos meios técnicos resulta a evolução do gênero no sentido de uma maior e diversificada produção. No entanto, o documentário permanece o mesmo pois é-lhe já reconhecida uma identidade e estatuto próprios.

Mais a frente, com a chegada da tecnologia VHS e em seguida o digital, as mudanças do documentário passaram a representar experiências inovadoras e interessantes. Fonseca afirma que as tecnologias possibilitam novas o baixo custo desses dispositivos, em comparação com a película de sal de prata, possibilitou obras como “*O prisioneiro da grade de ferro*”, de Paulo Sacramento (RENÓ, 2013).

Já nos anos 1960, os cineastas adquiriram uma mobilidade e uma receptividade que lhes permitiram acompanhar o cotidiano dos atores sociais, a partir da introdução das câmeras portáteis.

Para Nichols (2010), o filme narrativo de ficção teve sua evolução amparada na função social do espetáculo público. Diferente do filme documentário que, enquanto espetáculo público, não obteve grandes plateias, por isso é tido por uma corrente como marginal.

Os documentários no começo não tinham tanto prestígio como a ficção, pois apresentavam fragmentos da realidade, que sem os recursos de montagem não despertava mais interesse do público. Com o declínio desta forma de fazer cinema, os filmes de atualidade, que registravam acontecimentos contemporâneos eram exibidos em salas de cinemas e teatros começaram a despertar o interesse do público.

Segundo Rodrigues (2010), os filmes de atualidades, então, são considerados como os primeiros documentários, já que registravam aspectos da realidade com pessoas e paisagem. A autora ainda afirma que os dois gêneros (documentário e filmes de atualidades), coincidiram por captar a vida em seu cenário natural e enfatiza que está aí à raiz do gênero documentário e seu desenvolvimento assumiria identidade própria.

Mas a partir do começo do século XXI, essa condição menos prestigiada do cinema documental passa a perder força. As tecnologias e a mobilidade formam grandes aliadas para a popularização. Foram inseridas novas formas de trabalhar, explorar e procurar por ângulos diferentes para mostrar uma realidade que até então parecia monótona.

O documentário que conhecemos atualmente assumiu o papel de levar o espectador a uma experiência única, com os sons e imagens organizados de tal forma que representa mais do que simples impressões passageiras. Passa a representar conceitos abstratos, e de acordo com a bagagem cultural do espectador se terá um determinado ponto de vista que pode ser ou não o que se quis expor (NICHOLS, 2010).

3.3 Documentário no Brasil

O cinema chegou ao Brasil em 1896, inicialmente com exibições no Rio de Janeiro e, depois, em São Paulo, seguindo para outras cidades importantes. A

novidade veio integrar espetáculos de teatro de variedades e dos cafés-concertos. O primeiro cinema documentário no Brasil foi feito pelo cinegrafista italiano Afonso Segreto, chamado “Uma vista da Baía de Guanabara” em 1898, no Rio de Janeiro. Essas tomadas documentais eram conhecidas como “tomadas de vista” e prevaleceram até o ano de 1908 (RODRIGUES,2009).

Cineastas como os irmãos Afonso e Paschoal Segreto, Silvino dos Santos, major Luís Tomás Reis, entre outros, foram os responsáveis pelas primeiras imagens do acervo da história do cinema brasileiro.

Uma característica importante para a disseminação do documentário foi o fato de antropólogos também começarem a usar câmeras para registrar as viagens, com isso no Brasil, os filmes etnográficos se tornaram uma prática, e isso servia para mostrar um lado desconhecido do país para os estrangeiros.

Até o fim da segunda guerra, as produções eram financiadas pelo estado, por empresários e coronéis fazendeiros, até a criação do Instituto Nacional do Cinema Educativo, INCE, em 1936, que pretendia mostrar uma imagem positivista do Brasil, com intenção de democratizar o conhecimento partindo das classes intelectualizadas para as desfavorecidas.

Numa primeira fase do documentário no Brasil, que foi durante o Estado Novo, os documentários eram voltados para a ciência, enaltecendo as descobertas científicas feitas no país, a natureza brasileira, os povos nativos e coisas relacionadas. A segunda fase veio com o fim do Estado Novo, e os filmes estavam voltados mais para a exploração do rural, trazendo a figura do campo.

Mas consolidação e o desenvolvimento mais afundo do documentário no Brasil se iniciaram a partir da década de 1960, no chamado cinema novo, caracterizado pela ênfase na igualdade social e intelectualismo que era predominante no país durante os anos 60 e 70. Em seu estudo sobre o documentário no Brasil, Rodrigues (2010, p.67) cita quais foram as referências da época.

Era o florescimento da nova mentalidade de um cinema verdade que estava sendo incorporado pelos jovens que iam estudar fora do país. Tinham como referência os movimentos do Neo-realismo italiano e da Nouvelle Vague francesa, além das teorias russas da montagem de Eiseinstein, nos documentários de realizadores contemporâneos

como Jean Rouch, Edgar Morin, Mario Ruspoli, Chris Marker e François Reichenback.

Enfrentando um período de ditadura militar, em meados de 1964 os cineastas encontraram dificuldades para produzir e alguns tiveram até que parar as obras. No entanto a repressão não impediu que os temas fossem abordados de maneira subliminar, e nessa época os filmes foram as únicas formas de expressão em alguns momentos da ditadura militar.

Após isso, um novo modelo documental aconteceu, com a abertura política iniciada no final da década de 70. Com a expansão da indústria realizadores e críticos redefiniram os marcos estéticos e políticos do cinema brasileiro, rearticulando esquemas de produção e projetos culturais. Com o lançamento de obras com temas diversos, como os filmes *A Greve* (1979), de João Batista de Andrade, sobre os movimentos trabalhistas, *Jango* (1984), de Sílvio Tandler, que tratava da ditadura, e a obra *Céu Aberto* (1985), de João Batista de Andrade, abordando as transições políticas. A realização desses filmes volta seu olhar para relatar o renascimento dos movimentos populares, refletindo a abertura política que o país estava passando (RODRIGUES, 2010).

A partir dos anos 90, o mundo passa por uma forte globalização, onde o fluxo de informações compartilhadas e recebidas pela população aumenta de modo vertiginoso. As tecnologias e a popularização da internet possibilitaram novas formas de criação e trouxeram liberdade para a produção de temas variados (RODRIGUES, 2010, p.69).

A década de 90 foi marcada pelo fim da dualidade mundial entre capitalismo e socialismo. Os ideais de transformação da sociedade são substituídos pelo neoliberalismo globalizado, no qual mais do que nunca o fluxo de informações externas compõe o imaginário do povo e as referências são combinadas resultando num hibridismo que influencia a linguagem cinematográfica documental dos dias de hoje.

De acordo com RODRIGUES (2010), as novas tecnologias também ajudam na produção do documentário, com a melhoria na captação de áudio, vídeo e no acesso das pessoas aos filmes.

Hoje o vídeo digital está ganhando um mercado cada vez maior na produção cinematográfica. A miniaturização das câmeras, a substituição do sistema analógico pelo digital na captação da

imagem e do som e as mais modernas tecnologias de pós-produção estão transformando o filme documentário. O avanço das tecnologias digitais propiciou um barateamento dos custos de produção, mas os produtores independentes, aqueles que não têm vínculo com as emissoras de televisão ou com as grandes estruturas de produção e distribuição de conteúdo audiovisual, continuam encontrando dificuldade para viabilizarem seus projetos e fazê-los chegarem a um público maior.

Podemos dizer que o documentário foi se impondo enquanto gênero ao longo de sua história e tradição, mas ainda assim permanece em debate constante entre os teóricos, críticos e realizadores. Se a realidade pulsa no interior do filme documental, é devido a elementos estéticos tradicionais do gênero, pois trazem em si a memória dessa história de usos e sentidos, dão às obras valor documental e atestam sua aparente unidade enquanto realidade (ZAGO, 2018).

3.4 Tipo de documentário

Com os avanços tecnológicos e mudanças ao longo do tempo, o documentário não se limitou a apenas um formato. Bill Nichols (2010) define de forma esclarecedora alguns dos modos de documentário que podemos encontrar. A intenção é ver as diferentes formas de produção e compreendê-las, mas é importante ressaltar que um modo pode se juntar a outro, sendo possível encontrar mais de um tipo em uma produção documental.

Importante primeiramente diferenciar as duas formas que existem de apresentar e conduzir o documentário, são os formatos europeu e norte-americano. No europeu não há a presença de um apresentador, narração, off ou passagens, as imagens têm a função de contar a história e conduzir a narrativa. Já o modelo americano conta com um repórter conduzindo a história, ele aparece no vídeo, faz passagens, off, o formato parece muito com uma reportagem.

O modo poético se apoia na lógica mais poética de construção tem uma estética e uma narrativa mais trabalhada, que enfatiza detalhes e ideais que precisam ser interpretados por meio da subjetividade da imagem, para que isso fique evidente para o telespectador.

O modo expositivo, como o autor explica “ênfatisa o comentário verbal e uma linguagem argumentativa. Trata-se de qualquer documentário que retrate algum acontecimento, enfatizando fatos e argumentos para aquilo que o filme está narrando”

(NICHOLS, 2010, p.64) A perspectiva do filme é dada pelo comentário feito em voz 'off' e as imagens limitam-se a argumentação narrada.

O observativo enfatiza o engajamento direto no cotidiano das coisas ou pessoas que representam o tema do cineasta, conforme são observadas por uma câmera discreta. Trabalha a captura da observação espontânea da 29xperiência vivida. O que se vê é o que estava lá. O modo participativo é quando o ponto de vista do cineasta se manifesta e é inserido entrevistas sobre vários assuntos. Nesse tipo de documentário o cineasta assume uma postura mais presente na construção da narrativa do documentário.

O modo reflexivo, é explicado por Nichols por chamar a atenção para as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário. Aguça nossa consciência da construção da representação da realidade feita pelo filme. (NICHLOS, 2010. De acordo com NICHOLS (2010), geralmente traz temas que como o próprio nome diz, são passíveis de reflexão e geram essa sensação em quem assiste.

O documentário observativo reduz a importância da persuasão, para nos dar a sensação de como é estar em uma determinada situação, mas sem a noção do que é, para o cineasta, estar lá também. O documentário participativo dá-nos uma ideia do que é, para o cineasta, estar numa determinada situação e como aquela situação conseqüentemente se altera. Os tipos e graus de alteração ajudam a definir variações dentro do modo participativo do documentário.

E por fim o modo performático, o que mais se aproxima da ficção, O documentário Performático se utiliza muito menos de embasamento do que, de fato, de argumentos para o convencimento. Pode-se dizer que ele é, sim, a visão do cineasta colocada sobre o molde de documentário.

O documentário que resulta deste trabalho utiliza do modo reflexivo para tratar um assunto que ainda recorrente na sociedade, mas pouco debatido, a agressão contra a mulher e como essa ação dentro de uma família pode refletir nos filhos que presenciam isso. O intuito é ilustrar e expor formas como agressores se manifestam e gerar uma reflexão por parte dos espectadores, alertar o público para esse problema que acomete a sociedade.

De acordo com NICHOLS (2005), o documentário não é apenas uma reprodução da realidade, mas uma captação de um determinado ângulo dessa

concepção de mundo. No documentário Herdeiros da Violência (produto desse material) foi definido a visão dos filhos que presenciaram a violência doméstica entre os pais. Esse enfoque se deu a partir da vivência das próprias autoras e também da pouca quantidade de material expondo esse tema.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Metodologia

Para o desenvolvimento desse trabalho utilizou da pesquisa bibliográfica pois é um método que se baseia em buscar dados e informações em documentos públicos referente ao tema que está sendo estudado. Esse método pode expandir para livros, artigos, monografias, pesquisas e etc. Segundo Marconi e Lakatos (2010) declaram que a pesquisa bibliográfica tem o papel de posicionar o pesquisador em contato direto com toda bibliografia que já existe em relação ao tema. As autoras afirmam que pesquisar em conteúdos já existentes não se baseia em copiar e colar (MARCONI e LAKATOS, 2010. P. 166).

A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob um novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.

Foi pesquisado em teses, monografias e publicações que incluam no tema questões como violência, violência doméstica, agressão psicológica, conflitos familiares envolvendo crianças, crianças vivenciando violência conjugal, documentários e sua história no Brasil.

A pesquisa de campo foi muito importante nesse trabalho para trazer aproximação das pesquisadoras com o tema que foi abordado. Por se tratar de um assunto sensível, o pesquisador precisou entrar em contato com a realidade de cada vítima e/ou fonte (MARCONI e LAKATOS, 2010. P. 169).

Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los.

Para Marconi e Lakatos (2010) a pesquisa de campo é dividida em três grupos: quantitativo-descritivo, exploratórios e experimentais. Nesse trabalho foi utilizado o modo exploratório porque tem o intuito de habituar o pesquisador com o ambiente, com a finalidade de tornar mais explícitos alguns conceitos.

Esse método permite a utilização de procedimentos específicos na coleta de dados. Para concretizar o objetivo proposto da pesquisa de campo, foi aplicado o processo de entrevistas qualitativas com conselheiros do tutelados, psicólogos, adultos

que vivenciaram agressões entre os pais na infância, advogados e entre outras fontes especialistas.

Em relação ao método utilizado para realizar as entrevistas, MARCONI E LAKATOS (2010), afirma que corresponde ao encontro de duas pessoas com o objetivo de obter coletar informações a respeito de estipulado assunto, em forma de conversa que possui o caráter profissional e que existe uma variedade de entrevistas. Entre os tipos pode-se destacar as entrevistas padronizadas ou estruturadas; despadronizadas ou não estruturadas.

No documentário foi empregado a entrevista despadronizada ou não estruturada. Nessa categorização de entrevista o entrevistador possui a liberdade de desenvolver para cada situação, a direção que achar mais adequada (Marconi e Lakatos, 2010).

Os entrevistados serão conselheira do tutelar, adolescentes e/ou adultos que presenciaram agressões entre os pais na infância, advogado, promotores de justiça, psicólogo e um professor.

As entrevistas não foram dirigidas, dando aos entrevistados mais liberdade para expressar suas opiniões e sentimentos. Com os adultos e/ou adolescentes que presenciaram agressões entre os pais na infância, o entrevistador foi responsável por incentiva-los a repassar as informações, porém sem força-lo a responder, pois se trata de um assunto muito delicado para os mesmos. As entrevistas foram gravadas em formato de vídeo por meio de autorizações dos mesmos.

4.2 Descrição do produto

O documentário possui 23 minutos e 45 segundos. No início da decupagem e antes da edição o material tinha ultrapassado os 25 minutos máximos estipulados pela banca, então foi necessário cortar algumas falas.

O roteiro já havia sido parcialmente planejado antes das gravações. Já havia sido produzido um roteiro de possíveis perguntas e essas perguntas se encaixavam entre os personagens e as fontes primárias. Após as gravações houve a separação das falas em tópicos, como por exemplo, vivência escolar, início das agressões, relacionamentos amorosos, fase da adolescência e outros assuntos. Depois foi escolhido quais dos assuntos seriam utilizados no documentário e logo em seguida começou o processo de decupagem.

O nome do documentário “Herdeiros da Violência”, faz menção aos valores e ensinamentos que são passados de pai para filho e que tem um peso muito grande na construção do caráter e da personalidade do adulto. Por se tratar de algo visto na infância e com grande possibilidade de ser reproduzido na vida adulta e/ou na adolescência, “Herdeiros” é relacionado à algo que foi repassado de pai para filho.

Para conseguir produzir o documentário “Herdeiros da Violência” foi necessário utilizar de alguns métodos de pesquisa para a realização tanto do trabalho teórico quanto o produto final. Foram utilizados pesquisas bibliográficas, pesquisa de campo e entrevistas.

Para a gravação do documentário foi necessário uma iluminação básica e câmera de filmagem. De início o cinegrafista fez a captação e edição do documentário, porém a edição dele não foi utilizada. Tivemos que refazer por conta própria a edição. As filmagens tiveram início no dia 9 de outubro. Ao total foram setes fontes.

Devido a pandemia do Covid-19 foi necessário adiar as gravações, pois era muito importante as entrevistas serem feitas presencialmente com os três personagens porque dessa forma ser possível captar a emoção expressa por cada um.

Foram utilizadas algumas imagens de apoio de balanço, gangorra e outros elementos infantis para fazer referencia a infância e trazer uma certa dinâmica entre uma fala e outra. Por alguns problemas técnicos descritos no Diário de gravação, foi necessário usar bancos de vídeos na internet para compor o documentário. Contudo, apenas vídeos disponibilizados gratuitamente e livre de direitos autoras foram aproveitados. A trilha sonora também foi retirada de forma gratuita da Internet.

A forma de iluminação que foi empregado nas gravações dos personagens não identificados foi o right light, a única opção disponível pelo cinegrafista. A fonte utilizada no documentário foi Comic Sans que também faz referência a uma escrita infantil. Decidimos fazer uma pequena introdução no início do documentário para despertar o interesse do público em relação ao assunto abordado.

As partes selecionadas para introdução foram trechos impactantes com o objetivo de deixar o público surpreendido com os relatos de cada personagem. A última cena do documentário foi escolhida uma frase de superação das vítimas mostrando que mesmo após uma infância traumática e possível manter laços

paternais. Trazendo um sentimento de superação mesmo após uma infância traumatizada. Dessa forma visando proporcionar um sensação de alívio nos telespectadores, após um assunto tão pesado como a violência doméstica.

As escolhas das fontes primárias foram para trazer o ponto de vista dos profissionais sobre um assunto que é pouco discutido na sociedade. A participação da professora teve como objetivo contextualizar o primeiro contado da criança com a sociedade e como essa convivência violenta em casa pode transparecer na escola. A psicóloga teve um papel muito importante, pois era ela que explicava de forma bem profissional dentro da área da psicologia os impactos que essa violência tem durante todo a vida daquela criança e depois na sua vida adulta. Já a conselheira tutelar, além de explicar qual a importância do órgão para a proteção da criança e do adolescente, também apresentou quais são as intervenções do município quando se tem menores de idade em situação de risco, e nesse caso específico, quando as famílias são os fatores de risco.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de termos concluído esse trabalho, a violência doméstica está longe de ter uma erradicação da sociedade e infelizmente muitas outras pessoas serão apenas índices em pesquisas abordando esse tema. Mesmo com criação de projetos de desfecho, casas de acolhimento e outras medidas para proteger vítimas, sem a participação efetiva do Estado será como “secar gelo”.

Enquanto não houver essas mudanças na base estrutural da sociedade continuaremos em um ciclo vicioso, onde as crianças que convivem em lugares violentos assim, poderão futuramente se tornar agressores também. Famílias de risco, geram famílias de risco caso essas pessoas não se tratem.

Após ouvir cada relato, após estarmos em contato com cada vítima, conseguimos observar que o impacto da violência doméstica vai muito além do momento da agressão. São marcas que ficam na vida da pessoa por muito tempo e é capaz de destruir laços familiares para sempre. Ver a mãe ser agredida pelo pai é uma cena capaz de mudar o caráter daquela criança e até mesmo as futuras decisões que ela vai tomar.

Realizar esse material foi uma experiência dolorosa e curadora, pois utilizamos desse TCC para devolver para a sociedade em forma de conscientização aquilo que vivemos na infância. Não foi apenas um material de Conclusão de Curso, foram as nossas histórias materializadas por outras pessoas que também vivenciaram isso.

Não queríamos apenas produzir um documentário, queríamos contar as nossas histórias também. Então podemos dizer sem dúvida nenhuma que concluímos o objetivo, mesmo com imprevistos durante o processo. Porém, damos vozes as crianças que também passam ou presenciam isso e que por muitas vezes não podem pedir socorro.

6. REFERÊNCIAS

BERNARDET, Jean- Claude. O que é cinema? Coleção primeiros passos. Editora Brasiliense. São Paulo- SP, 1980.

BERNASKI, Joice; SOCHODOLAK, Helio. História da violência, cotidiano e vida social. 2015.

CASIQUE, L. C; FUREGATO, A. R. F. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 14, n. 6, 2006.

CERQUEIRA, Daniel; DE MOURA, Rodrigo Leandro; IZUMINO, Wânia Pasinato. Participação no mercado de trabalho e violência doméstica contra as mulheres no Brasil. Texto para Discussão, 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2501.pdf. Acesso em: 15 de mar, 2020.

DE TARTARI, Livia et al. Violências: lembrando alguns conceitos. Aletheia, n. 24, p. 95-104, 2006

DOS SANTOS, Erika Cordeiro de Albuquerque; LIMA, Silva. Entidades familiares: uma análise da evolução do conceito de família no Brasil na doutrina e na jurisprudência.

GUERRA, Paulo; GAGO, LUCÍLIA. Violência Doméstica: implicações sociológicas, psicológicas e jurídicas do fenômeno. Centro de Estudos Judiciários, 2016

INSTITUTO, M.P. O que é violência doméstica. Disponível em: <http://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/o-que-e-violencia-domestica.html>. Acesso em: 20 de mar. 2020.

KATO, S. L. Manual de Capacitação Multidisciplinar (Lei n. 11.340, de 07 de agosto de 2006-Lei Maria da Penha). Poder Judiciário–Tribunal de Justiça MT. Cuiabá: Departamento Gráfico-TJMT, 2008.

LUCENA, Luiz Carlos. Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção. 2 edição. São Paulo: Summus, 2012.

MARCONI, M. A. de; LAKATOS, M E. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MODENA, Maura Regina. Conceitos e formas de violência. Caxias do Sul: EducS, 2016.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Papyrus Editora, 2005.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Tradução Mônica Saddy Martins, 5ª edição Campinas, SP: Papyrus, 2010.

PENAFRIA, Manuela. Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo. Biblioteca Online de ciências da comunicação. Universidade da Beira Interior, 1999.

RAMOS, Fernão Pessoa. O que é Documentário? Biblioteca Online de ciências da comunicação UNICAMP – SP, 2000.

RENÓ, Denis. Interfaces e Linguagens para o documentário transmídia. Fonseca, Journal of Communication – Monográfico. São Paulo, 2013.

RODRIGUES, Flávia Lima. Uma breve história sobre o cinema documentário brasileiro. CES Revista, v. 24. Juiz de Fora, 2010.

SANTIAGO, R. A. A violência contra a mulher: antecedentes históricos. Seminário Estudantil de Produção Acadêmica, v. 11, n. 1, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/313-991-1-PB.PDF>. Acesso em: 20 de mar. 2020.

SENADO, D. Secretaria de Transparência. Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, 2013. Disponível em: https://www.senado.gov.br/senado/datasenado/pdf/datasenado/DataSenado-Pesquisa-Violencia_Domestica_contra_a_Mulher_2013.pdf.

SOUZA, Edinilza et al. Violência: orientações para profissionais de atenção básica de saúde. Cadernos de Monitoramento Epidemiológico e Ambiental. Caderno, n. 03, 2013.

SOUZA, Edinilsa Ramos de; LIMA, Maria Luiza Carvalho de. Panorama da violência urbana no Brasil e suas capitais. Ciência & Saúde Coletiva, v. 11, p. 1211-1222, 2006.

SOUSA, Tânia Sofia de et al. Os filhos do silêncio: crianças e jovens expostos à violência conjugal: um estudo de casos. 2013. Dissertação de Mestrado.

ZAGO, Thaís. Documentários Brasileiros. Academia Internacional de Cinema, disponível em: <https://www.aicinema.com.br/documentarios-brasileiros/>

WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. Informe mundial sobre la violencia y la salud: sinopsis. 2002.

7. APÊNDICES

7.1 Diário de gravação

09 de outubro de 2020

Iniciamos as gravações atrasado em relação ao cronograma proposto no começo do ano por causa da pandemia. Precisou adiar as gravações com todos os personagens, pois além da resistência das fontes em nos receber, o cinegrafista que tínhamos combinados desde o começo do ano disse que não estaria mais disponível.

Logo em seguida, começamos uma corrida para encontrar um outro profissional que pudesse fazer as gravações e as edições, e que o orçamento fosse acessível para nós. Foi indicado um colega de turma, porém o resultado das gravações e edições não foram como planejadas. Nesse dia em questão entrevistamos os três personagens. Por ser um assunto muito sensível, tivemos dificuldades em retirar informações de uma das fontes, ela só respondia o básico.

29 de outubro de 2020

Neste dia entrevistamos a professora e o advogado. Tivemos essa lacuna de tempo entre o primeiro e o segundo dia de gravações, pois a professora teve dificuldades em encontrar uma data que pudesse nos atender. A entrevista do advogado não foi inserida no produto final, pois o áudio e as falas do mesmo ficaram impossíveis de serem usadas por questões de erros técnicos.

30 de outubro de 2020

Entrevistamos a psicóloga e a conselheira tutelar. Neste dia em questão o cinegrafista foi com a bateria da câmera descarregando, por isso não conseguimos fazer imagens de apoio dos ambiente. Tivemos diversos problemas com a edição por causada disso, precisando fazer uso de vídeos e imagens retiradas de forma gratuita da internet para compor o material.

Outras informações

Desde o início do ano estava marcado de entrevistarmos a delegada Paula Miotti, da Delegacia da Mulher, porém a mesma entrou de férias dias antes do início das gravações e dispensou a participação. Logo em seguida para cobrir a lacuna da delegada, procuramos um juiz do Juizado da Infância e da Juventude, porém nenhum quis participar.

E por último tentamos com o advogado, contudo por questões técnicas não conseguimos utilizar as falas. Tudo isso foi muito frustrante, pois entramos em contato meses antes com a delegada e estava tudo acertado, mas por questão desse imprevisto, ficamos sem nenhuma fonte para explicar o papel do Estado em relação às crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. Por final, o cinegrafista entregou o documentário em atrasado e sem fazer as correções solicitadas. O material estava impossível de ser entregue daquela maneira. Dessa forma, a Marinalva teve que editar todo o produto no dia 21.

Essas questões técnicas e esses imprevistos foram desgastantes para nós. Tivemos por diversas vezes recorrer ao imprevisto e replanejar toda a programação. Por se tratar de um tema que é muito importante para nós, por ser baseado e recortado em nossas experiências infantis, a não idealização do que foi planejado desde o início desse projeto, é algo decepcionante.

Os diversos erros nas gravações, o não empenho do cinegrafista e os imprevistos ao longo das filmagens não permitiu um resultado final como o esperado.

7.2 Memorial individual

Aqui apresentamos de forma individual, a contribuição para que o trabalho fosse desenvolvido.

7.2.1 Vitória Cristine

Esses meses de produção do nosso TCC foi um grande desafio pra mim, tive momentos em que pensei em desistir já que duvidei várias vezes da minha capacidade enquanto comunicadora. A sensação que eu tive foi de estar sendo cobrada e pressionada em boa parte do tempo, já que a intenção é a entrega de um bom conteúdo. O TCC foi a oportunidade de colocar o que é teoria, em prática.

O desenvolvimento desse trabalho abriu minha visão para o mercado de trabalho, que claro, caminha com o conhecimento obtido no campo acadêmico, porém de certa forma mais severo. Depois de muita conversa eu e minha parceira escolhemos um tema que pudesse deixar um pedacinho de nós ou contar algo que a gente se identificasse.

Dividimos nosso trabalho de forma que cada uma pudesse ficar como tarefa aquilo que desenvolvesse com maior facilidade. Não perdemos tempo e logo fomos

falar com nossas mães para compreender de forma mais profunda o que seria ser vítima de uma violência doméstica.

Confesso que pra mim foi bem difícil já que o tema é algo que presenciei boa parte da minha infância, esse foi um dos motivos que busquei ficar com fontes oficiais já que elas explicariam todo o contexto do nosso trabalho e também o que eu muitas vezes não tinha resposta para o meu contexto pessoal.

Esse TCC foi um divisor de águas para mim, ao entrevistar fontes como a psicóloga Bruna Tomazetti, observei que várias pessoas só precisam de uma orientação ou uma palavra para sair de um ciclo de violência. E foi isso que eu fiz através desse trabalho, venci mais uma etapa da minha vida ou digamos "medo", além de poder ser um canal para outras pessoas se identificarem com o nosso trabalho.

E quanto aos imprevistos que tivemos, que aliás foram vários, eles só nos ajudaram para desenvolvimento e melhor qualificação para o mercado de trabalho que será um desafio ainda maior. Todo documentário foi pensado em contar histórias que pessoas como qualquer um de nós pudessem se identificar.

7.2.2 Marinalva Alves Sampaio

No desenvolvimento teórico desse material, eu produzi a contextualização do que é violência, a violência doméstica e os impactos nos filhos da relação. Pela falta de conteúdo abordando as crianças, precisei fazer uma pesquisa em teses de Psicologia, material de conscientização de prefeituras, bibliografia na área da saúde e entre outros. E logo em seguida ficou claro a necessidade de estudos nesse campo.

A cada pesquisa era como se abrisse a minha mente, pois na maioria das vezes abordamos o tema visando apenas a vítima principal desse tipo de violência e esquecemos das crianças.

Quando partimos para à pratica, percebi que não seria fácil, demoramos quase um mês para convencer os personagens a contarem suas histórias. Os três personagens que compõe a narrativa principal do documentário fazem parte da minha vida pessoal. Por conhecer a história deles, logo insistir que os mesmos participassem até pelo fato deles também saberem que eu presenciei violência doméstica na infância. Esse também é um dos principais motivos de termos

escolhido tratar desse assunto por esse ponto de vista. Tanto a minha parceira quanto eu, presenciamos esse tipo de violência doméstica na infância.

Eu realizei as entrevistas dos personagens e digo que não foi fácil. A mais difícil foi a entrevista do personagem que afirma ter agredido o pai. Foi uma gravação muito pesada e por diversos momentos precisei me concentrar muito para não chorar na frente da fonte. Acompanhei também as gravações da conselheira tutelar, da professora e da psicóloga. Por estar trabalhando no momento, não consegui comparecer na entrevista do advogado. Lamento muito, seria muito enriquecedor para o trabalho falas do mesmo.

Esse tema como já foi mencionado, tem um peso muito grande para nós e por consequência colocamos uma expectativa muito grande no documentário. Queríamos dar voz a essas crianças interiores traumatizadas dentro desses atuais adultos. Idealizamos um conteúdo que conseguisse passar o sentimento de cada personagem. Contudo, não atingimos por completo o nosso objetivo, isso se deu em parte da não sincronização do cinegrafista com o trabalho. Eu que em maior parte mantive diálogo com o próprio, e mesmo sendo extremamente comunicativa e detalhista para facilitar a edição, o cinegrafista não conseguiu entregar o documentário como exigido no roteiro.

O documentário após três vezes de correções na edição, foi entregue no dia 21 e estava totalmente fora do que tinha sido descrito no roteiro e inapto a ser apresentado à banca. Dessa forma, tive que editar o material do zero e mesmo assim alguns erros de filmagem foram impossíveis corrigir.

7.3 Roteiro

<p>Cena 1 Personagem 1 10':16 / 10':22 (extrair apenas o áudio neste momento com as imagens acima)</p> <p>Cena 2 Personagem 2 41':37 / 41':41</p> <p>Cena 3 Personagem 3 28':57 / 29':03</p> <p>Cena 4 - Passagem [Vídeo do balanço desfocado com o nome do documentário] 10'</p> <p>Cena 5 Personagem 2 42':35 / 42':43 - 42':53 / 43':02</p> <p>Cena 6 Personagem 1 01':15 / 01':38</p>	<p>E eu falei: Ou a senhora prende ele, ou prende eu porque um de nós dois vai morrer hoje</p> <p>Meu pai não te ama, ele tem outra, meu pai só judia de você.</p> <p>Se eu imaginasse que aquela colher poderia machucar, que o meu pai poderia tirar a vida da minha mãe eu já corria e escondia.</p> <p>Olha, eu acho que eu tinha uns cinco a seis anos de idade quando eu comecei a entender, mas pelo o que os meus irmãos contam, antes disso já acontecia. A gente conversando, eu vejo que já acontecia até antes da gente nascer. Desde o namoro já foi uma relação muito conturbada desde o início.</p> <p>Meu pai o envolvimento dele com álcool, com algumas drogas fazia ele se transformar em outra pessoa. Fora disso era tranquilo. É uma pessoa muito tranquila, de boa, que ajuda, só que o que transformava ele era os vícios</p>
---	---

<p>Cena 8 [Passagem 3 00:06 / 00:12 diminuir a velocidade do vídeo] Reproduzir áudio da fonte Personagem 3 28':31 / 29':06</p>	<p>violência aonde eu via o meu pai agredindo a minha mãe, aonde eu tinha medo do meu pai matar a minha mãe. Eu era uma criança completamente traumatizada, quando eu ouvia um grito eu já começava a tremer, eu já queria esconder tudo aquilo que eu pensava que iria machucar a minha mãe eu já corria e pegava faca, garfo. Se eu imaginasse que aquela colher poderia machucar, o meu pai poderia tirar a vida da minha mãe, eu já corria e escondia e às vezes eu até esquecia aonde eu escondia.</p>
<p>Cena 9 Personagem 1 02':23 / 02':33 – 02':46 / 02':50</p>	<p>A gente que é filho a gente quer defender, a gente não quer ver esse tipo de agressão. Então a gente meio que tentava entrar no meio para aquilo ali não acontecer, entendeu?! E acabava que nisso a gente também era agredido.</p>
<p>Cena 10 Personagem 2 38':07 / 39':16 [Corrigir erro de gravação - Entre 39':10 até 39':16, usar apenas o áudio e vídeo de passagem entre 44':40 até 44':46]</p>	<p>Olha, eu nunca vi nenhuma marca de machucado, nem de briga na minha mãe, mas por ouvir falar a história da minha mãe contar e até do meu próprio pai contar, eu imagino e a gente sente uma dor que a gente não ver. Por exemplo, teve um fato de minha mãe estudava, ela parou de estudar quando era nova e voltou quando era mais velha, e ela vir por um caminho, eu era muito pequena, eu só sei da história por contarem. Ela vir por um caminho diferente com a amiga da escola, o meu pai já era casado já tinha a gente pequeno e ele ficava com a gente para ela ir para a escola, e nesse dia o meu pai achou que a minha mãe estava traindo ele e bateu nela com o rodo. Ele tirou o cabo do rodo e deu uma</p>

Cena 11**Liza Caetano – Conselheira Tutelar**

02':33 / 03':49

surra nela com o rodo achando que ela tava aprontando por voltar por outro caminho. Só dela me falar isso, eu já sinto. Desde pequena eu escuto essa história porque foi muito pequena, então eu já sinto uma dor muito grande por pensar que os meus pais brigaram por uma desconfiança que nem existiu, mas eu nunca vi fisicamente marcas na minha mãe.

A gente teve um caso parecido agora esses dias, eu que atendi é até amigos nossos e a denuncia chegou no Conselho e chegou na minha mesa sem ser programado ne?! Mas realmente era um conhecido nosso e eu pensei como que eu vou agir? Era um conhecido, como que eu vou abordar? Esse conhecido com a tal esposa tem uma situação de briga diária, ele bebe fica fora de si e acaba agredindo muito a esposa e o bebê recém-nascido de 4 meses fica no meio. Então a denuncia foi literalmente para o casal em si, porém abordando a criança porque o Conselho não interfere no casamento, a gente só lida com a criança desde o nascimento até os 18 anos. Porém ali naquela situação a gente tinha que interferi porque durante a briga dos dois interferia no quê? Em tocar o bebê, em machucar o bebê, derrubar o bebê e até mesmo matar o bebê. Então quando a gente interfere nisso como eu interferi, é sentar, conversar e ser bem claro, caso não pare, caso aconteça outras denuncias e isso continue na mesma situação, a gente vai interferi de

<p>Cena 12 [Passagem 4 – 7 segundos em cima do início da fala da Psicóloga] Bruna Tomazetti – Psicóloga, psicotrauma 17':03 / 17':30</p> <p>Cena 13 Personagem 1 09':12 / 09':37 – 10':04 / 10':22 – 12': 06 / 12':18 [Erro de filmagem - Imagem passagem 00':08 até 00':27, apenas vídeo com o início do áudio citado acima]</p>	<p>forma judiciária que é ou retirando o bebê, ou deixando a mãe bem ciente que por conta da aceitação dela em um relacionamento abusivo está atingindo a criança e ela pode até perder o filho por conta disso.</p> <p>Você sempre vai ver uma criança mais sozinha, solitária, agressiva, sempre se punindo muito, sempre tendo comportamentos de adultização e não de criança, um comportamento mais de responsabilidades e não uma pessoa leve, alegre, com disposição de suas emoções, por quê? O meio impediu essa criança de apresentar suas realidades internas.</p> <p>Quando eu tinha 18 para 19 anos eu já tava lá na minha vó, tava morando lá e eu cheguei aqui em casa para visitar minha mãe, foi um dia que eu sai para ir a igreja e minha irmã tava muito machucada aqui junto com a minha mãe e eu entrei dentro de casa né, falei para minha mãe pegar as coisas dela para a gente ir embora e ele partiu para cima de mim e a gente foi para as vias de fato. Nesse dia a gente ligou para polícia e eu virei para a delegada, a gente foi para Delegacia da Mulher e eu falei: “Ou a senhora prende ele, ou prende eu porque um de nós dois vai morrer hoje”. Na delegacia ele virou para mim falou que a partir daquele dia ele poderia quebrar a casa inteira, mas que não mexeria mais com a gente.</p>
---	--

<p>Cena 14 Personagem 2 44':29 / 45':18 [Erros de filmagem - Passagem 45':19 / 45':29 – Usar a passagem onde revela a identidade da fonte ou corrigir na edição]</p>	<p>Eu nunca interfeiri pelo fato de eu ser mais pequena, mais apegada ao meu pai, mas os meus irmãos já interferiram. Às vezes pelo fato deles se sentirem mais o homem da casa por terem começado a trabalhar cedo. Então os meus irmãos já tentaram defender a minha mãe, tanto que quando o meu pai quebrou a porta da minha casa, os meus irmãos já entraram em briga com o meu pai, não de muro, mas de discussão e tentar separar falando para ele ir embora. Meus irmãos já brigaram, já discutiram, às vezes já pegaram pedaço de pau para defender a minha mãe. E assim, eu só sabia chorar, eu me sentia frustrada por não conseguir fazer nada. Então assim, os meus irmãos já tentaram e faziam de tudo para evitar que o meu pai fizesse algum mal para a minha mãe.</p>
<p>Cena 15 Bruna Tomazetti – Psicologa 15':17 / 15':56 – 16':42 / 16':57</p>	<p>Quando acontece uma situação como essa que ela vê a mãe sendo abusada pelo pai ou casos inversos também que eu já assisti aqui de pais serem abusados pelas mães, essa criança é como se ela escalasse psicologicamente um patamar que não é para ela. Você já viu falar assim: “Nossa você parece que é pai do seu pai, você é mãe da sua mãe, você tem características de adulto.” Por que? A vida fez com que essa criança se colocasse numa condição que não é para ela, queima-se um monte de etapas do meio disso e principalmente assim psicologicamente essa pessoa ela fica perdida. Muitas vezes quando a criança faz isso, os resultados são bem catastróficos lá na frente porque eu assumo um papel que não é legitimado psicologicamente para mim e isso impede essa pessoa de recursos psicológicos.</p>

<p>Cena 16 Personagem 3 29':22 / 29':38 [Passagem carrossel – colocar por cima do início da fala]</p> <p>Cena 17 Personagem 1 15':19 / 15':53</p> <p>Cena 18 Carolina Machado – Professora e diretora da rede municipal de ensino 04':42 / 04':59 – 06':38 / 06':46 – 06':49 / 07':08</p>	<p>Eu era uma criança que ao mesmo tempo que era passiva, amiga, companheira, eu era agressiva com palavras. Às vezes até mesmo com brigas, eu brigava muito com as minhas colegas. Era uma criança agressiva também.</p> <p>Eu era uma criança muito hiperativa, eu não conseguia concentrar, eu não conseguia estudar e fazia muitas coisas para poder chamar atenção e uma dessas coisas era ser muito violento, entendeu?! Não sei se porque eu cresci vendo violência. Uma forma de eu matar a minha dor era ser violento também e eu não aceitava nada tudo era motivo de querer agredir.</p> <p>A gente tenta sempre acolher nessa criança, compreender um pouco mais ações dela mesmo que a gente não possa colaborar com esse comportamento violento. A gente tenta acolher mais, tenta conversar mais, tenta ouvir fazer a escuta dessa criança. Quando a criança verbaliza isso né que ela sofre essa violência mesmo a gente tenta intervir, ou a gente tenta intervir junto à família quando a gente vê que tem uma abertura, ou diretamente via rede de atenção. Mas já aconteceram casos sim né, a gente tem que caso</p>
--	--

<p>Cena 22 Personagem 1 08':35 / 08':54 [Erro de gravação – Passagem] [Escurecer mais o vídeo]</p> <p>Cena 23 Carolina Machado – Professora 08':04 / 08':42 [Passagem escola 00':47 / 01':01 apenas imagem, áudio da professora 06':49 / 07':08 reduzir velocidade da imagem]</p> <p>Cena 24 Bruna Tomazetti – Psicologa 10':55 / 11':20</p>	<p>pensava assim vai chegar um momento que eu vou ser grande e eu vou interferir e isso não vai acontecer mais.</p> <p>Tem casos interessantes que até na tarefa, às vezes um desenho que a criança faz da família dela nesse desenho você ver que tem alguma coisa errada. Às vezes no desenho ali ela desenha, essa professora mesmo alfabetizadora que ela é psicóloga ela fala para gente, ela já vai ensinando para a gente, às vezes a criança se desenha bem pequenininha muito pequena no papel, então assim isso já é uma preocupação. Ou desenha alguém da família assim de uma forma mais monstruosa, então assim, isso é uma forma da gente perceber.</p> <p>Esse desenho que é bem tradutor mesmo que nós estamos falando da violência doméstica é exatamente a falta de autonomia que no qual o cuidador deveria proteger, amar, ser responsável, negociar as emoções dessa criança fazendo com que ela expressa de uma maneira muito autêntica e como é punida impedida fica essa relação de autoridade.</p> <p>Eu tive um período de envolvimento também com drogas né?! Dos meus 12 aos meus 15, mas assim por eu fazer aquilo que eu fazia de</p>
---	---

<p>Cena 25</p> <p>Personagem 1 15':59 / 16':07 – 16':44 / 16':54 17':10 / 17':26</p>	<p>envolvimento com droga porque assim eu não só usei, eu vendia, eu usei. E quando eu vendia algo para alguém, eu sabia que eu tava machucando famílias. Então assim, por eu ter esse tipo de pensamento foi o que me impulsionou a achar o caminho certo de novo entendeu?! De reconhecer que aquilo era errado.</p>
<p>Cena 26</p> <p>Liza – Conselheira Tutelar 15':52 / 17':05</p> <p>[Zoom de no brasão e nas mãos entre 16':27 até 16':33]</p>	<p>Eu trabalhei no CREA antes de virar conselheira tutelar, eu era educadora social e isso me deu uma base muito grande para o conselho porque a gente lhe dava diretamente com os adolescentes passando pelo crime né?! 155, 157 e assim infelizmente é reflexo da violência doméstica, é reflexo de uma de uma base mal estruturada. Então a partir do momento que o conselho, porque o CREAS trabalha numa área X e o conselho trabalha em outra área, então o conselho me deu uma base mais de autonomia e de poder interferir diretamente. Como educadora social no CREAS eu não podia, mas como conselheira tutelar eu posso chegar com o brasão, uma carteirada e interferir naquilo ali e poder explicar para criança e adolescente que tal situação tá errada né?! E que aquilo ali vai gerar para ele dando, e quais são os danos? A gente tem que cumprir medidas socioeducativas e vamos cumprir essa medida te acompanhando diariamente. Ou você vai pagar uma cesta básica, seus pais são responsáveis por isso, ou você vai limpar um local X público, ou você vai para tal local fazer um estudo, informática, concurso, um curso perdão e ali a gente vai continuar acompanhando esse adolescente. Porém muita das vezes é resultado da falta da base da</p>

<p>Cena 29 Personagem 3 31':30 / 31':47 – 32':41 / 33':25</p> <p>Cena 30 Personagem 1 24':45 / 25':10</p>	<p>tratem.</p> <p>Eu peguei toda a minha imaturidade e levei como uma esperança para esse relacionamento e foi um fracasso. Foi um relacionamento de brigas, de confusão, de agressões. Muito ruim! Eu decidi romper esse relacionamento eu já tinha duas filhas e uma situação muito complicada porque elas dependiam de mim totalmente. O meu companheiro ele não tinha responsabilidade em me ajudar em nada, então eu trabalhava, eu pagava para olhar as crianças, eu mantinha a casa e até mesmo as contas que ele fazia com drogas né?! Então nesse caso tinha um peso muito grande à separação por voltar para casa da minha mãe com duas crianças, era um peso muito grande porque eu já tinha saído por causa dos problemas e voltar trazendo mais duas crianças seria trazer mais problema para vida da minha mãe.</p> <p>Quando eu falei que eu era muito brigão meu pai também ele é muito brigão né?! Saía para rua, às vezes saía e a gente pensava assim: “Pô a notícia que a gente vai receber e que ele morreu aí”, entendeu?! Brigas onde ele levou facada, onde ele tomou facada, onde ele deu tiro, onde ele tomou tiro.</p> <p>Olha, a minha adolescência foi tranquila, eu acho que isso refletiu pouco na minha fase de adolescência. Refletiu mais na minha vida adulta em questão de relacionamentos. Eu vejo que a</p>
--	---

***Cena 31**

Persoagem 2 45':31 / 45':36 – 45':45 / 46':59

[Adicionar passagens de outras imagens para corrigir o erro de gravação]

possessividade do meu pai refletiu na minha vida. Eu me sentia dona da outra pessoa, eu queria que a pessoa fizesse, ainda estou indo na psicóloga e a psicóloga que me explicou toda essa situação de traços da minha infância tá enraizado em mim e que isso precisa ser tratado, porque eu acho que sou dona da pessoa, eu quero que a pessoa faça o que eu quero e aí ela foi me explicar que eu via como normal o comportamento do meu pai com a minha mãe. Não é que eu não achava que era errado, mas por eu ter um relacionamento tão bom com meu pai, por ele me tratar tão bem eu nunca vi o que ele fazia como errado sabe?! Vim ver depois que eu comecei a me entender por gente. Eu ficava triste, mas eu por exemplo, eu não brigava com meu pai, qualquer outra criança ficaria com raiva, não conversaria com o pai, eu não para mim continuava normal. Então na minha vida adulta eu comecei a ser possessiva, eu comecei a ser ciumenta, controladora e até hoje eu tenho que me controlar para não ter um surto às vezes de controlar a vida do meu companheiro.

Olha tudo que eu nego na minha vida que seja papai, mamãe, titia, avó eu vou repetir, infelizmente. É consciente ou inconsciente. Então tudo que se nega, por exemplo, se eu não trabalho essa parte que eu não aceito desse pai, dessa mãe, dessa avó em mim eu vou repetir características muito parecidas, Freud fala muito bem sobre isso né?! Essa questão da projeção daquilo que é mal resolvido em nós. Então o que precisamos fazer diante de uma negação? Aceitação. Eu costumo dizer que a indignação, ou seja, eu estou indignado com esses comportamentos, com esses

Cena 30

Bruna Tomazetti – Psicóloga 12':54 / 13':21

13':50 / 14':10

relacionamentos, com essa realidade da minha vida, quando eu fico indignada eu gero uma convicção, eu gero uma certeza de mudança.

Infelizmente o Brasil não tem uma capacidade de segurança pública do jeito que deveria ter né?! Então começa por aí, uma mãe que sofre maus-tratos, violência dentro de casa e se ela denunciar ela vai ter que passar pela segunda fase que é enfrentar o suposto agressor né e não abaixa a cabeça e não morrer porque tem que passar por isso tudo é uma escada, muito difícil.

Cena 33

Liza – Conselheira Tutelar 09':50 / 10':14

A adutização dessas crianças precoce demais traz um prejuízo enorme tanto ao nível mental quanto ao nível de saúde, problemas sexuais que a gente tem assistido muito gravemente também. Então assim, é levar esse nível de consciência. A responsabilidade social ela começa quando as pessoas têm consciência dos seus atos. Então a cidadania começa quando eu sei ter limites, relações limítrofes e aí nós temos que ter o dinheiro que é exposto por pagamentos dos nosso impostos para gerar a vida né?! Porque senão teremos ainda continuidade de corrupção, pessoas insanas e não teremos uma vida com propósito. Gerar vida é cuidar de vidas, principalmente da saúde mental.

Cena 34

Bruna – Psicóloga 18':40 / 18':53 – 18':59 / 19':30

Eu e meus irmãos a gente combina,

Cena 36**Personagem 2 48':17 / 49':44****[Passagem escorregador – Início da fala da fonte junto com a passagem]**

um final de semana a gente vai para casa de um, o outro final de semana a gente vai para casa do outro e os dois se sentem muito tristes quando a gente fala, por exemplo, fala assim: “Ah final de semana vamos almoçar aqui em casa” e a gente fala: “Olha pai não dá, a gente vai lá para minha mãe, a gente vai almoçar lá na casa da minha mãe, a gente combinou”, a gente consegue ver nos olhos dele principalmente eu consigo enxergar que ele vê uma tristeza profunda por ele ter acabado com a própria família. Isso é bem nítido. Na minha mãe a gente quando fala também não mãe não dá a gente vai combinou de almoçar no meu pai, ela sente ciúme, ela sente que todo tempo que a gente teria livre, a gente teria que dar para ela, todo tempo que a gente se reunisse ia que ser com ela. E a gente, eu e meus irmãos nós não temos ódio de nenhum dos dois, a gente entende, pelo menos eu já tentei explicar isso para os meus irmãos, eu tenho um irmão do meio que tinha mais problemas com meu pai depois de um tempo veio perdoar tudo que ele fez e hoje tem um relacionamento super saudável de ir toda semana, de frequentar a casa. Então a gente não tem rancor, nem ódio, a gente tem uma amizade muito boa entre todos. Só que é muito ruim esse fato deles não conversarem, da gente ter que ficar dividido entre um e outro, e com os filhos e netos isso só vai piorando a situação porque acaba com a família se parte.

Hoje o nosso convívio é muito bom,

<p>Cena 37 Personagem 1 25':35 / 26':02 – 25':21 / 25':31 [Escrever a última fala do Personagem 1 no vídeo]</p> <p>Cena 38 [Imagem vai escurecendo aos poucos e fica só a frase citada acima e depois o nome do</p>	<p>meu pai me ajuda demais, a profissão dele é pedreiro e o que a gente precisa ele ajuda a gente, não cobra um centavo, ele faz com amor porque ele sabe que tá fazendo para os filhos dele. A gente reúne final de semana, eu tenho um irmão que mora no interior, ele vem, a gente reúne assa carne, sabe?! Hoje eu falo assim que eu tenho um contato de pai e filho, um convívio de pai e filho. Perdoar nunca é fácil, ainda mais perdoar alguém que te machuca entendeu?! Mas o perdão, ele é para quem não merece.</p>
--	--

documentário “Herdeiros da Violência” [Sobe BG]	
--	--

7.4 Termos de autorização de imagem

AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM BRUNA TOMAZETTI



Bruna Tomazetti <staff.bruna@gmail.com>

Dom, 22/11/2020 13:32

Para: Você



Neste ato, eu: BRUNA KARLLA DOURADO TOMAZETTI ,nacionalidade BRASILEIRA estado civil SOLTEIRA portador da Cédula de identidade RG nº. 3876098 DGPC/GO inscrito no CPF/MF sob nº 950853861-91, residente à Av. T-10 esquina com T27, ST Bueno , Goiânia/Goiás .

AUTORIZO o uso de minha imagem e/ou de minhas falas coletadas através de entrevistas em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, mesmo sem identificação, para ser utilizada em âmbito acadêmico no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Jornalismo na PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC Goiás, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral relacionado ao desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens e falas acima mencionadas em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) Vídeo documentário; (II) mídia eletrônica (sites, vídeo-tapes, televisão, cinema, mídias sociais, entre outros).

--

Enviado do Gmail para celular

[Responder](#) | [Encaminhar](#)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, eu, Carolina Kellen Santos Machado, nacionalidade brasileira, estado civil Solteira, portador da Cédula de identidade RG nº.3413342, inscrito no CPF/MF sob nº 89467620120, residente à Av. /Rua 109 Apto 312-A, nº. 290, município de Goiânia no Estado de Goiás. AUTORIZO o uso de minha imagem e/ou de minhas falas coletadas através de entrevistas em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, mesmo sem identificação, para ser utilizada em âmbito acadêmico no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Jornalismo do acadêmico NOME DO ESTUDANTE, sob a matrícula NÚMERO DA MATRÍCULA na PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC Goiás, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral relacionado ao desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens e falas acima mencionadas em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) Vídeo documentário; (II) mídia eletrônica (sites, vídeo-tapes, televisão, cinema, mídias sociais, entre outros).

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, fala ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Goiânia, 20 de Novembro de 2020.

Carolina Kellen Santos Machado

(assinatura)

Nome: Carolina Kellen Santos Machado

Telefone p/ contato: (62) 911166835

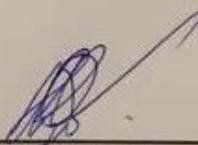
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, eu Liza Gabriela Melo Costano, nacionalidade Brazileira, estado civil solteira, portador da Cédula de identidade RG nº 6238225, inscrito no CPF/MF sob nº 903078131-77, residente à Av. /Rua St. Pedro Lupercico 541105 nº S/N, município de Paracatu de Goiás no Estado de Goiás.

AUTORIZO o uso de minha imagem e/ou de minhas falas coletadas através de entrevistas em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, mesmo sem identificação, para ser utilizada em âmbito acadêmico no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Jornalismo do acadêmico NOME DO ESTUDANTE, sob a matrícula NÚMERO DA MATRÍCULA na PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC Goiás, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral relacionado ao desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens e falas acima mencionadas em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) Vídeo documentário; (II) mídia eletrônica (sites, vídeo-tapes, televisão, cinema, mídias sociais, entre outros).

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, fala ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

21 de novembro de 2020.



(assinatura)

Nome: Liza Costano

Telefone p/ contato: 62 9-9573-1367

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, eu Karla Alves de Oliveira, nacionalidade Brasileira, estado civil casada, portador da Cédula de identidade RG nº 4555819, inscrito no CPF/MF sob nº 002.321.241-16, residente à Av. /Rua Av. Guandara nº 6 L-13, nº 5110, município de Ap. Goiânia no Estado de Goiás.

AUTORIZO o uso de minha imagem e/ou de minhas falas coletadas através de entrevistas em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, mesmo sem identificação, para ser utilizada em âmbito acadêmico no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Jornalismo do acadêmico NOME DO ESTUDANTE, sob a matrícula NÚMERO DA MATRÍCULA na PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC Goiás, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral relacionado ao desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens e falas acima mencionadas em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) Vídeo documental; (II) mídia eletrônica (sites, vídeo-tapes, televisão, cinema, mídias sociais, entre outros).

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, fala ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Ap. Goiânia, 01 de Novembro de 2020.

Karla Alves de Oliveira
(assinatura)

Nome: Karla

Telefone p/ contato: (62) 98196-3317

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, eu Cristiano Alberto Ferreira Neto nacionalidade brasileira, estado civil casado, portador da Cédula de identidade RG nº 9970919, inscrito no CPF/MT sob nº 009.499.281-09, residente à Av. /Rua para Av. 258 CT. 151, Rta nº 0, município de Armação do Góias no Estado de Goiás. AUTORIZO o uso de minha imagem e/ou de minhas falas coletadas através de entrevistas em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, mesmo sem identificação, para ser utilizada em âmbito acadêmico no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Jornalismo do acadêmico NOME DO ESTUDANTE, sob a matrícula NÚMERO DA MATRÍCULA na PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC Goiás, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral relacionado ao desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens e falas acima mencionadas em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) Vídeo documental; (II) mídia eletrônica (sites, vídeo-tapes, televisão, cinema, mídias sociais, entre outros).

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, fala ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Armação do Góias, 01 de novembro de 2020.

Cristiano Alberto Ferreira Neto.
(assinatura)

Nome: Cristiano Alberto Ferreira Neto

Telefone p/ contato: 9 9562 - 1949

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, eu Ingrid Kethemy Alves Maciel, nacionalidade brasileira, estado civil casada, portador da Cédula de identidade RG nº 6232833, inscrito no CPF/ME sob nº 7030379101, residente à Av. /Rua Marcelo Freire Lima, nº 159, município de Copacabana de Goiás no Estado de Goiás, AUTORIZO o uso de minha imagem e/ou de minhas falas coletadas através de entrevistas em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, mesmo sem identificação, para ser utilizada em âmbito acadêmico no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Jornalismo do acadêmico NOME DO ESTUDANTE, sob a matrícula NÚMERO DA MATRÍCULA na PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC Goiás, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral relacionado ao desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens e falas acima mencionadas em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) Vídeo documental; (II) mídia eletrônica (sites, vídeo-tapes, televisão, cinema, mídias sociais, entre outros).

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, fala ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Ap. de Goiânia, 01 de novembro de 2020.

Ingrid Kethemy Alves Maciel
(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:

7.5 Termo de autorização de publicação de produção acadêmica



RESOLUÇÃO n° 038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Vitória Cristine de S.C. de Oliveira
do Curso de Teologia, matrícula 20142012700455,
telefone: 99660-5154 e-mail: vitoria.cristine@gmail.com na
qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos
Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a
disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado
Precedentes da violência

gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme
permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato
especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND);
Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou
impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de
graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 09 de dezembro de 2020.

Assinatura do(s) autor(es): Vitória Cristine de S.C. de Oliveira

Nome completo do autor: Vitória Cristine de S.C. de Oliveira

Bernadete Polho de Sousa
Assinatura do professor-orientador:

Bernadete Polho de Sousa
Nome completo do professor-orientador.



RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Mairimela Alves Sampaio
do Curso de Semiotismo, matrícula 20171012700389
telefone: 62 981878426 e-mail mairimela900@hotmail.com, na
qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos
Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a
disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado
Herdéis da Violência

gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme
permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato
especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND);
Video (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou
impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de
graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 9 de dezembro de 2020.

Assinatura do(s) autor(es): Mairimela A. Sampaio

Nome completo do autor: Mairimela Alves Sampaio

Bernadete Polho de Sousa
Assinatura do professor-orientador.

Bernadete Polho de Sousa
Nome completo do professor-orientador.

